

CRESCIMENTO, DESENVOLVIMENTO E FORMAÇÃO NO ROMANCE CONSTANTINO GUARDADOR DE VACAS E DE SONHOS DE ALVES REDOL

Anamarija Marinović¹

RESUMO: Neste artigo pretendem-se salientar o valor e a importância da educação e formação (tanto a adquirida na família, com os amigos e através das experiências próprias, como a recebida na escola) no processo de crescimento das pessoas analisando o romance *Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos* de Alves Redol. Esta obra situar-se-á primeiro no contexto do Neo-Realismo português e explicar-se-á o papel política e socialmente empenhado da literatura neste movimento. Através da representação de uma parte do percurso da vida do protagonista, Constantino Cara-Linda, um rapaz de doze anos de idade, o autor tem por objectivo mostrar o processo de individuação de uma criança que pouco a pouco vai tornando-se homem. Assumindo as responsabilidades próprias da vida adulta este menino vai tentar encontrar uma forma viável de realizar o seu sonho: o de deixar de ser pastor e ser serralheiro de navios, abrindo os seus horizontes e perspectivas para o futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Alves Redol, Constantino, Formação, Educação, Crescimento, Individuação.

ABSTRACT: In this article it is pretended to point out the value and the importance of education and forming (the one acquired in family, with friends and through our own experiences, as well as the one received at school) in the process of growing up of people, analyzing the novel *Constantino, Keeper of Cows and Dreams* written by Alves Redol. Firstly, this work will be situated in the context of Portuguese Neo-realism and it will be explained the politically and socially engaged role of the literature of this movement. Through the representation of one part of the life of the main character, Constantino, a twelve years old boy, the author's purpose is to show the process of individuation of a child which gradually is becoming a man. By assuming the responsibilities characteristic for the adult life, this boy will try to find a way to realize his dream: not to be a sheppard any more and to be locksmith of ships, opening his horizons and perspectives for the future.

KEYWORDS: Alves Redol, Constantino, Forming, Education, Growing up. Individuation.

Introdução

¹ Anamarija Marinović é investigadora do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa (CLEPUL) linha ibero-eslava.

Entre os propósitos deste trabalho subsiste a ideia de se dar uma breve visão panorâmica do Neo-Realismo português, de se determinar o lugar de Alves Redol dentro deste movimento literário, e de uma obra particular, o romance infanto-juvenil *Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos* dentro da produção artística do seu autor. Debruçar-nos-emos nos aspectos da formação e educação (a recebida no meio familiar e a institucionalizada) como partes importantes do processo de crescimento e desenvolvimento de crianças e jovens, que tem por finalidade a sua plena integração na comunidade em que vivem.

Tendo em conta que durante séculos a infância e o período de transição, hoje conhecido como a adolescência, foram consideradas apenas como fases de preparação para a vida adulta, a literatura infanto-juvenil serve precisamente para chamar a atenção dos adultos para o facto de que a personalidade de cada criança é única e irrepetível, e que por conseguinte todas as crianças têm necessidades, inquietações e desejos diferentes. De forma a educar melhor as novas gerações, este tipo de obras literárias salienta que crescer é um processo natural e desejável, não descurando, porém, a beleza e o estado puro e inocente da infância.

Concentrando-nos no *Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos*, veremos algumas das vertentes pedagógicas desta obra hoje em dia pouco estudada em Portugal, e na nossa opinião injustamente esquecida tanto pelos Professores e pais como pelo público leitor ao qual se destina. Ver-se-á a intensa ternura que o autor sente pelas pessoas do povo, e particularmente pelas crianças, mostrando que o mundo rural não é apenas um cenário idealizado, mas também um verdadeiro palco em que protagonista desta obra, um rapaz de doze anos, começa o caminho da sua individuação e crescimento. Nesta proximidade do autor com as gerações mais novas nota-se também a sua preocupação com a educação e formação correctas, com a importância dos laços familiares, da escola e sobretudo das experiências pessoais no processo de um jovem se tornar adulto, responsável e útil na sociedade, sem perder alguns dos traços importantes da sua personalidade.

No caso de Constantino ver-se-á como se combinam a sua realidade de menino de campo, o seu desejo de se tornar serralheiro de navios, os seus sonhos, a sua relação com a avó e com os pais, as suas amizades, a graça infantil e os medos e inquietações de

um adolescente, o que é precisamente aquilo que torna esta obra universal e um clássico da literatura infanto-juvenil portuguesa.

Um breve olhar sobre o Neo-Realismo Português e o lugar de Alves Redol neste movimento

O Neo-realismo em Portugal é um movimento artístico, literário e estético que surgiu na década dos 30 do séc. XX e que durou aproximadamente até aos anos 50. Influenciado pelas tendências norte-americanas, pela literatura brasileira e pelo realismo socialista da União Soviética, este movimento promove o empenho político e social da literatura, sendo desta forma completamente oposto às tendências estéticas anteriores. A literatura encara-se como um meio para a luta pelos objetivos “superiores”: a justiça, a igualdade social, a denúncia contra a violação dos direitos humanos. Nesta época parece natural que se preste muita atenção aos operários, aos oprimidos, aos camponeses, descrevendo fragmentos da sua vida, as suas preocupações, os seus problemas, as dificuldades com que se enfrentam no dia-a-dia, os seus valores (entre os quais se destacariam a honestidade e a integridade pessoal). Começando a desenvolver-se durante o regime do Estado Novo, esta corrente literária sem dúvida deve a sua forma e algumas das suas ideias-chave ao Marxismo e ao materialismo dialético. Nas obras neo-realistas pretende-se dar a voz às classes proletárias, sobretudo na prosa. A poesia parece desprovida de qualquer retórica ou demagogia e tem por finalidade aproximar-se do povo e captar a sua atenção. Tanto a poesia como a prosa representam gêneros em que se abre o espaço para a “arte útil”, marcada pela filosofia positivista francesa.

Entre os acontecimentos de importância mundial que influenciaram o desenvolvimento desta corrente literária podem referir-se a Revolução de Outubro de 1917, a guerra civil espanhola (1939), o início da Segunda Guerra Mundial. Todas estas circunstâncias contribuíram para a criação de uma nova consciência, forma de pensar e de ver o papel da cultura no mundo, e daí parece razoável formar-se um grupo de escritores cujo intuito principal era o de despertar nas pessoas o interesse pelos oprimidos e os seus sofrimentos, denunciar as injustiças e desigualdades como consequências de excesso do

capital acumulado pelas camadas sociais mais altas e de determinados comportamentos indesejáveis da burguesia.

Como uma especificidade do Neo-Realismo português revela-se uma estética singular, que representa uma combinação equilibrada entre o interesse pela cultura popular e a erudita, mostrando que elas não apenas podem e devem coexistir, mas que são necessárias e complementares e que o conhecimento de uma serve para a melhor compreensão da outra vertente da cultura.

Não é de estranhar que como resultado destas ideias juntas como protagonista de muitas obras neo-realistas em Portugal pareça um novo tipo de protagonista: oriundo da burguesia, mas ao mesmo tempo discordando de algumas práticas da sua classe social, a par dos problemas que afetam o povo, identificado com o sofrimento das camadas mais baixas, disposto a ser o seu defensor dedicado e devoto.

David Santos e António Mota Redol (2007) afirmam que como as palavras-chave do Neo-Realismo português poderia citar-se o sintagma “batalha pelo conteúdo”, que se contrapõe à estética da “arte pela arte”. Isto de modo algum pretende desvalorizar a beleza de uma obra literária. Se a literatura é social e politicamente empenhada, isto não significa que se descuidem os recursos estilísticos, a clareza da linguagem e a forma em que uma obra é escrita. Este mesmo investigador salienta que na literatura neo-realista portuguesa se nota um cruzamento entre o “realismo quase etnográfico”, particularmente no registo dos costumes e tradições populares, das variantes linguísticas condicionadas pelo estatuto social e o grau de escolarização das pessoas e o “lirismo sincero e terno” usado para descreverem-se a beleza de determinadas terras pequenas e a força e o carácter genuíno das relações humanas, dos afetos e das representações do seu mundo íntimo.

Alves Redol, embora não seja um dos nomes mais estudados deste movimento literário, merece a nossa atenção porque é o seu fundador. Muitos dos especialistas pensam que este autor, com a sua forma original de escrever, de abordar determinados temas e de construir as suas personagens, abre um capítulo novo na literatura portuguesa. Desta forma Alexandre Pinheiro Torres (1976: p. 351) é da opinião que este escritor “dedica ao povo um amor apaixonado”, destacando também que o povo trabalhador por ele não é sinónimo do operário ou camponês. Com esta afirmação pretende-se salientar

que em Alves Redol, ou pelo menos na obra que nos interessa para esta análise, não está ainda plenamente desenvolvida a ideia do empenho político da literatura. As camadas populares na criação literária deste autor estão representadas na sua simplicidade e sabedoria fazendo as tarefas árduas do dia a dia com gosto, paciência e amor, uma vez que estão profunda e estreitamente ligados à terra, à natureza e às raízes. Embora se note uma oposição entre o campo e a cidade, vê-se também uma ligeira tendência de idealizar o ambiente rural. Enquanto nas épocas medieval e renascentista o campo era visto como um cenário ideal: com a natureza sempre florescente, na época de uma eterna Primavera, com as pessoas puras e virtuosas, por oposição à cidade como centro de todos os vícios e corrupção, em Alves Redol a ideia principal não é esta. Oferecendo uma visão bela e de certa forma intacta da aldeia, o autor expressa à sua maneira uma sincera homenagem ao seu Ribatejo, às suas gentes, aos costumes e memórias que conhece e que o ligam ainda mais à terra tanto no sentido telúrico como de um modo mais intrínseco e afectivo.

Na sua obra é evidente que se cria uma relação íntima com o espaço matriarcal (com as personagens das mães e avós dos seus protagonistas), o que sublinha ainda mais a ideia do papel importante destas figuras na educação das crianças e da transmissão dos valores. A criação literária de Redol está impregnada de um profundo conhecimento da flora, da fauna, da paisagem, do clima, o que por sua vez faz com que se destaque a ligação com a fertilidade, com a vida, com a multiplicação e com as raízes familiares. Por outro lado, o interesse pelo folclore e as tradições, modos de falar e de contar do povo faz reforçar a importância das raízes no sentido da pertença a uma comunidade, que não é tão abstrata como uma nação ou um povo, mas que se satisfaz com designar um indivíduo como oriundo de uma determinada terra ou região.

O lugar e a importância de *Constantino Guardador de Vacas e de Sonhos* na criação literária de Alves Redol

Escrito em 1962, hoje em dia quase desconhecida por gerações de crianças e escassamente estudada, este obra romance muito tempo foi considerado uma das obras mais belas da literatura infanto-juvenil portuguesa, caracterizada pela sua simplicidade e

ternura com a qual o autor retrata o protagonista e pela profunda mensagem com a qual se defendem o crescimento a educação e a formação necessárias na vida de cada indivíduo.

Antes de nos debruçarmos com mais atenção sobre este romance concreto, há que recordar que durante séculos a literatura sobre e para crianças não foi particularmente valorizada e limitava-se praticamente a criações provindas da literatura de expressão oral (contos, lendas, fábulas, contos de fadas) que tinham um carácter claramente didático, pedagógico e moralista. Era também frequente que os padres e pensadores religiosos dedicassem alguns tratados e obras à esta temática, dirigindo-se, porém, mais aos pais e chamando a sua atenção para os potenciais vícios e pecados dos seus filhos, a necessidade de eles permanecerem no caminho da virtude e de não se desviarem dele.

Embora ninguém retire o valor estético a este tipo de obras, o que se pretende destacar com esta afirmação é que historicamente tanto as crianças como os adolescentes e jovens não eram vistos como uma categoria especial dentro das famílias e sociedades. Todos eles desde muito cedo foram ensinados a trabalharem, a partilharem as responsabilidades com os pais, a ajudarem os irmãos mais novos na integração na família, na socialização e no crescimento. Nas famílias tradicionais todos os membros tinham seu lugar dentro das hierarquias pré-estabelecidas e não havia muito espaço de manobra para que cada criança manifestasse demasiado a particularidade do seu carácter e personalidade,

Na perspectiva de Maria Antónia Santos Botelho (1983) este problema (da educação das crianças mediante uma literatura apropriada para a sua idade) torna-se mais evidente e ganha mais importância no início do século XIX, quando diversas ciências (desde a psicologia, até a antropologia e a linguística) começam a atribuir à criança o seu devido lugar e o significado dentro do seio familiar e na sociedade. Com esta nova visibilidade, a criança é entendida como uma personalidade que tem o direito e o dever de expressar a sua própria natureza, a desenvolver os seus talentos, a cultivar os seus desejos, a seguir os seus sonhos. O desenvolvimento correto a todos os níveis (físico, psicológico, emocional, comunicacional, social) prepara uma criança a tornar-se num membro útil da sociedade, capaz de fundar a sua própria família e de contribuir para a sua comunidade. Por isso a partir do século XIX parece lógico e natural que se escrevam muitas obras eruditas destinadas ao específico público infantil e juvenil.

Constantino Guardador de Vacas e de Sonhos de Alves Redol acompanha uma parte da vida de um jovem pastor ribatejano, desde o seu nascimento até aos doze anos, idade em que já começa a entrar na adolescência e em que já se notam algumas das inquietações, preocupações, sonhos e desejos, alguns dos quais podem enquadrar-se no âmbito da sua experiência e mundividência pessoal e outros podem caracterizar-se como comuns a todos os rapazes da sua geração e situação econômica e social. A obra salienta a importância dos sonhos e dá a conhecer que sem um grande esforço, combinado com dedicação, paixão e uma postura objetiva perante o mundo em que se vive, a sua realização é impossível. Constantino, um menino da aldeia, que guarda vacas sonha com se tornar serralheiro de navios e ninguém da sua família se opõe ao seu desejo e ninguém lhe contrapõe a sua origem e condição social como argumentos que possam ser um obstáculo para a concretização do seu desejo.

David Santos (*op.cit.*) é da opinião que esta ideia do protagonista representa ao mesmo tempo uma conexão e transição entre o mundo rural e o proletariado industrial. Contrariamente do eu se possa pensar acerca das representações literárias da cidade e do campo, ainda que a aldeia seja idealizada na obra de Redol, este autor está de acordo com que a cidade pode oferecer mais oportunidades a um jovem em termos de desenvolvimento profissional e realização pessoal. Este sonho nasceu na mente de Constantino após a sua primeira visita a Lisboa, quando o seu pai o levou a ver os barcos. A impressão que teve deste acontecimento foi para o menino tão profundamente marcante, que decidiu dedicar a sua vida a algo que na sua família não foi praticado antes e que é uma profissão mais característica para o meio urbano.

Com esta visão, o escritor tenta de certa forma reconciliar os mundos rural e urbano, abrindo uma perspectiva de pensamento mais direccionada para o destaque da importância da formação e da educação institucionalizada para o crescimento e desenvolvimento mais correcto e completo de uma pessoa.

Crescimento, formação e educação em *Constantino Guardador de Vacas e de Sonhos*

Se nos concentrarmos justo na parte inicial da obra em que o autor explica a sua motivação para a escrever, veremos que se usam sintagmas e expressões como “esta

história ganhou raízes e deu frutos” , e dar-nos-emos conta de que a trama do romance se situa numa aldeia da região saloia do Ribatejo, que Redol conhece bem e em que se sente muito integrado e acolhido pelas pessoas. Para descrever o sentimento da sua gratidão e proximidade que manifesta ter pelos habitantes esta zona, o escritor refere eu eles o aconchegam, dando-lhe carinho e tratando-o como se fosse membro da família de cada um deles.

Nestas referências vislumbra-se um duplo enraizamento do autor n meio rural, através da natureza e por meio das relações interpessoais, com amigos e conhecidos, que se elevam até ao grau de família, que simbolicamente fortalece ainda mais a ideia da pertença a um grupo. Estas são exatamente as características que o escritor transmitirá ao protagonista da sua obra e por causa delas Constantino parece não ser apenas o protagonista de um romance para crianças, e torna-se de certa forma familiar aos leitores e um modelo fácil para eles se identificarem e para o seguirem na realização dos seu planos e sonhos.

A obra inspira-se na infância e o início da adolescência de um menino a quem o escritor conhecia, Constantino Cara-Linda, estando, porém dirigida a todas as crianças. Há que salientar que, naturalmente, não se trata de um retrato biográfico exato do rapaz eu deu origem à personagem principal desta criação literária e que justamente nesta simplicidade lírica com que é apresentado o actor principal destas aventuras, reside uma grande parte da beleza de todo o livro.

Através da complexidade da personagem e Constantino o leitor chega a conhecer a importância da descoberta do mundo por vias próprias: experiências individuais, relacionamentos com amigos e familiares, tal como por meio das instituições, nomeadamente a escola. Nesta linha de pensamento, que enfatiza a importância da família na educação de cada pessoa, Maria Graciete Besse (1997) salienta a ideia da casa como o nosso primeiro universo, sem o qual o homem iria sentir-se perdido. Alves Redol é também partidário do papel decisivo de uma família forte e bem composta, que ajuda a criança no seu ciclo de crescimento e da aprendizagem, levando-a a “sentir-se” ou “tornar-se homem”. Por “homem” a autora que acabamos de referir subentende mais o termo “ser humano” e no caso de Redol, referindo-se ao seu protagonista, é mais

entendível e sublinhada a masculinidade e a capacidade do menino de se valer por si próprio, de assumir as responsabilidades e de ser uma pessoa madura e independente.

A figura de Constantino é específica desde múltiplas perspectivas: Começando pela escolha do seu nome “um nome da cidade”, que nenhum do seus antepassados levava, e que é único em toda a aldeia, o autor pretende avisar que o destino do protagonista também será singular. O seu lugar será diferente do caminho de todos os seus familiares e amigos simplesmente porque cada criança é única e irrepetível.

Embora os seus apelidos sejam Cara-Linda, a eventual beleza do seu rosto que se poderia deduzir por trás destes nomes próprios, não desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do seu carácter, sendo do ponto de vista do autor mais decisivas as alcunhas “Cantigas”, herdada da mãe e “Cuco” que se transmite de geração em geração do lado paterno da sua família. Este conjunto curioso de nomes e alcunhas, na perspectiva de Redol, foi talvez um dos factores que influenciaram o seu amor pela natureza e em particular pelos pássaros. Nas suas brincadeiras infantis Constantino vai julgar-se “grão-senhor de cinquenta ninhos”, mas nesta afirmação não se salienta a sua propensão para a mentira, como poderia ser o caso num texto de cariz muito moralista, mas dá-se preferência à imaginação e à fantasia, necessários no processo de crescimento e desenvolvimento normal de cada criança.

De acordo com Maria Heloísa Martins Dias (2008, p.?) este romance representa o exemplo mais típico de romance de aprendizagem e de formação. Este subgénero de romances acompanha o caminho do protagonista em várias etapas da sua vida, salientando sempre o carácter decisivo de cada uma delas no processo da formação. Neste tipo de obras geralmente se começa pelo nascimento da personagem principal, situando-o num determinado contexto sociocultural e explicando as suas origens, para ao longo do romance se evidenciar até que ponto esta situação específica em que ele nasceu e foi criado teve ou não influência na sua individuação. O percurso do romance costuma terminar com a época adulta do herói. Seguindo uma linha cronológica de desenvolvimento da ação e da personagem, o leitor também segue uma linha de causas e efeitos que explicam cada uma das decisões importantes do protagonista e analisa os seus comportamentos, chegando a uma conclusão que se refere ao amadurecimento e crescimento da personagem central da obra.

Em *Constantino* o leitor acompanha a infância e a parte da adolescência do protagonista, sendo firmemente convencido de que o rapaz realmente realizará o seu desejo de ser serralheiro de navios. Não é por acaso que o título termine com a palavra “sonhos”, como também a própria obra acaba com a descrição do sonho do menino sobre os barcos. Esta tendência sublinha mais uma vez o valor do mundo íntimo das pessoas, das memórias, dos desejos, do invisível e indizível na formação de cada pessoa, que é igual de importante como a escolarização formal, as relações com as pessoas e com o mundo.

Ainda que situe a ação e o seu protagonista num ambiente rural bastante idealizado, na opinião do autor a infância no campo não consiste apenas num tempo de descanso e de ausência de preocupação, de brincadeiras e uma certa liberdade. Trata-se de uma preparação, nem sempre fácil e pacífica para a vida “dos homens”. É uma época em que se tem que aprender o que são a privação, a renúncia e o sacrifício que os adultos fazem não apenas para poderem sustentar os seus filhos e netos, mas também para lhes ensinarem os valores e as ideias que eles consideram correctos e sábios, necessários como guias no seu futuro percurso de vida.

O autor ensina que a infância é o tempo da construção das relações, de decisões certas e erradas, de desilusões, de palavras que por vezes podem ser duras, mas que ajudam a que se forme e fortaleça o carácter das pessoas. Para afirmar as suas ideias directrizes, Redol (1962: p.15) recorda-nos que: “um homem cresce até ao fim da vida, se não em altura, pelo menos em obras e ambições”. Mais adiante, próximo do fim do romance o autor sublinha uma vez mais que “o verdadeiro tamanho do homem mede-se pela coragem e pelas suas obras”, referindo-se ao crescimento não apenas do ponto de vista fisiológico, como aos níveis mais abstratos do termo, emocional, psicológico, identitário, pessoal e profissional. Atingindo tudo isto uma pessoa pode e deve considerar-se realmente adulta.

Estas duas citações servem bem para descreverem o carácter de Constantino, um rapaz que não é idealizado em absoluto, com todos os seus defeitos (a teimosia, um determinada rispidez na forma de responder aos adultos, momentos de desobediência com a avó, tristeza por pensar que tem um nariz grande) e virtudes (é um verdadeiro amigo, bom filo, atencioso com a sua irmã mais nova Ana Maria). Este menino tem a sua

personalidade bem delineada desde o início, tem as suas tarefas e os seus sonhos, os seus temores e a sua persistência e tudo isso torna-o numa figura muito humana e em muito mais do que apenas uma personagem literária de cariz positivo.

Embora por vezes recorra a métodos um pouco pícaros na sua abordagem do mundo adulto (fazendo de conta que não ouve a avó a chamá-lo pedindo-lhe que faça uma tarefa doméstica), Constantino não o faz por maldade nem para evitar as responsabilidades, mas justamente para mostrar que tem a sua própria forma de encarar o mundo e resolver os problemas.

Quando numa ocasião dirige à avó as seguintes palavras: “cal’ te aí, mulher”, esta não é uma indicação de que o rapaz vai crescer mal educado e que não a respeita. O que se mostra aqui é que as crianças desenvolvem e aplicam muito o que na psicologia se chama “aprendizagem segundo o modelo” e aprendem e imitam repetindo o que ouvem com frequência no ambiente em que estão inseridas. Desta forma, provavelmente o protagonista terá ouvido o pai ou qualquer outro homem da aldeia a dirigir estas palavras à sua esposa, como sinal de autoridade masculina e das hierarquias bem marcadas nessa família. Porém, Constantino é repreendido pelo pai por falar desta forma com a avó, a quem deve respeito e amor. O menino desenvolve depois uma relação próxima com a avó, aprende muito com ela sobre a natureza, a aldeia, os animais, a vida e o mundo que o rodeia, gosta muito dela, mas sente-se verdadeiramente feliz e realizado apenas após a sua primeira conversa “de homem para homem” com o pai.

Neste encontro íntimo entre dois homens da família, Constantino consegue expressar os seus medos, a sua primeira preocupação com o aspecto físico (penando que a mãe lhe tinha dito um comentário sobre o tamanho do seu nariz), aprende a controlar os seus desgostos, a tratar a sua irmã pequena com carinho, sabendo que a mãe os ama os dois por igual, assimila o estereótipo cultural que um homem não chora nem ao “ver a tripas do outro na mão” e que a expressão popular “ser o senhor do seu nariz” não indica o tamanho nem a fealdade dessa parte do corpo, mas significa teimosia e uma determinada vaidade, também características de Constantino.

As relações familiares, as experiências com os amigos (nomeadamente a negação do medo na competição com o outro), a rivalidade com os meninos da cidade e a desilusão da amizade de curta duração, os seus próprios pensamentos e sentimentos

formam o caráter de Constantino, educam-no e ensinam-no, mesmo que aparentemente não seja muito adepto da escola, e sobretudo das aulas de História.

Com este episódio Alves Redol aproveita a oportunidade de salientar a importância da escolarização das crianças do ponto de vista formal, embora também denuncie algumas práticas não desejáveis utilizadas nas escolas das aldeias na sua época (os métodos disciplinares severos e humilhantes, a preferência da professora por determinados alunos e a negligência propositada de outros, a manifestação da autoridade por vias de medo ou ridicularização).

Aqui vemos que Constantino de fato não é um mau aluno, que estuda o que deve saber, mas que não permite que ninguém lhe molde o caráter a pancadas e que o humilhe perante os outros.

Todos estes aspectos fortalecem no menino cada vez mais o desejo infantil de se tornar serralheiro de navios, que é uma profissão muito concreta e não impossível de se atingir como resultado de um trabalho árduo e mais físico do que intelectual.

O navio não foi escolhido aleatoriamente como um elemento importante desta história. Do ponto de vista simbólico a navegação significa viagem, descoberta, abertura de horizontes, autoconhecimento e conhecimento do mundo, afastamento do modelo familiar, ida em direção dos seus próprios sonhos e ideais. Este menino, que, como a própria obra salienta, nasceu ara “conhecer outras distâncias”, escolhe o seu caminho para a vida adulta, pretendendo mostrar em primeiro lugar a si mesmo e depois aos outros que é capaz de “agarrar no leme” da sua vida e de assumir as responsabilidades de um verdadeiro homem.

Conclusões

Enquadrando-se perfeitamente no gênero ficcional do romance da aprendizagem e da formação, *Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos*, é uma obra que salienta a importância de vários tipos de formação e educação ao longo do percurso de vida de cada pessoa, mostrando a complexidade e a profundidade das personalidades humanas. Combinando bem o local e o universal esta obra merece a atenção do público infantil e

juvenil, justificando a qualificação como um dos clássicos da literatura portuguesa do seu gênero.

Referências

REDOL, Alves, **Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos**, 11ª ed., Lisboa, 1975 Publicações Europa-América, 100 pp

BESSE, M. G. Alves Redol: **O Espaço e o Discurso**, 1ª Ed, Lisboa, Ulmeiro, 1997, 150 pp,

BOTELHO, M. A. Dos S., PESSANHA, M. M. de J., **Estudos de Literatura Infanto-Juvenil**, 1ª Ed., Rio de Janeiro, Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 142 pp,

DIAS, M. H, M, **Os (Des)caminhos da Barca de Redol**. 1ª Ed. Uma Travessia pelo Neo-Realismo, 2008, Aveiro, Universidade de Aveiro, 76 p.

SANTOS, D.. (coord.) **Batalha pelo Conteúdo**, Exposição Monumental Movimento Neo-Realista Português, 3ª Ed. 2007, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 497 p.

TORRES, A. P., **Os Romances de Alves Redol**. Moraes Editores, Lisboa, 1979, 371 p.